

25 — Um filho de retôrno	93
26 — Clóvis Tavares e Chico Xavier	95
27 — Depoimento de Lins de Vasconcellos	99
28 — Nôvo depoimento de Manuel Quintão	101
29 — Mensagem de Francisco Batista à sua filha Profa. Cirene Batista	103
30 — Depoimento de Ramiro Gama — O caso Irmã Teresinha ..	105
31 — Nova mensagem de Dráusio à sua genitora	111
32 — Outro precioso depoimento de Clóvis Tavares	115
33 — "Não culpem o médico!"	119
34 — Depoimento de Aparício Fernandes	121
35 — Depoimento de Newton Boechat — Caso Cleone Matos ...	123
36 — Recado de colaborador (a Leopoldo Machado)	125
37 — Nôvo depoimento de Newton Boechat — Caso Manuel açougueiro	127
38 — Depoimento de Mário Donato	129
39 — "Rogo abençoem a filha que não morreu"	131
40 — Depoimento de J. Herculano Pires — O Servo Fiel	133

NO LIMIAR

Leitor amigo,

Não será êste um livro de perquirição em que nos façamos adoradores de hipóteses, seleccionando palavras para não cair dos trapézios do sofisma, em que as dúvidas se agigantam.

Êste é um volume do sentimento para instrução da alma e consôlo do coração.

De muita gente se ouve que as faculdades mediúnicas de Chico Xavier são instrumentos exclusivos de cientistas e escritores, literatos e poetas desencarnados que voltam à Terra para entendimento com seus irmãos de louros acadêmicos. E, efetivamente, uma preleção de Emmanuel, uma página reveladora de André Luiz, um poema de Augusto dos Anjos, um conceito de Albino Teixeira ou um apólogo do Irmão X dão que pensar, esbarrondando os muros da cegueira de espírito e abrindo novos horizontes à convicção na sobrevivência.

Ê o estilo, a temática, a inconfundibilidade, o conteúdo filosófico enunciando a presença de homens soberbamente conhecidos e cerebrações que não morreram...

Não faltam, na arena da crítica, os que vejam em tudo isso a arte de Paul Reboux e não mediunidade ativa e estuante, embora o médium permaneça no campo do serviço ao próximo, há mais de quarenta anos consecutivos.

Necessário considerar, no entanto, que Xavier não é apenas o medianeiro de personalidades famosas, no

tope de nossas letras. É igualmente o veículo de amigos desencarnados, muitas vezes, tão-só conhecidos daqueles que os amaram nos recessos do lar, a surgirem, de inesperado, através de reuniões íntimas e públicas, dando provas inequívocas da imortalidade.

São pais e mães, filhos e amigos que retornam do Mais Além, para sofream o desespero dos entes queridos que ficaram no mundo, a lavar-lhes a lousa com as próprias lágrimas... Espíritos familiares que se comunicam, sem outros lauréis que não sejam aqueles que lhes repontam dos corações redivivos em cânticos de esperança e ternura, restaurando a fé e operando a renovação de criaturas atropeladas pelo carro inflexível da morte... E todos eles, a uma só voz, gritam que a vida continua, que o sepulcro não é o fim, que a Justiça nos preside os destinos, na Terra e Além da Terra, que o amor nunca morre...

Dentre as centenas de mensagens dêsse teor e de depoimentos valiosos em torno da verdade, espalhados pelo Brasil afora, o autor reuniu apenas alguns por mostras da realidade espiritual.

Não se trata, assim, neste livro, da louvação de um médium, a quem consagramos a nossa estima pessoal, num convívio que conta mais de onze anos sucessivos, — tão humano quanto nós mesmos, — mas sim de documentar a presença irretorquível de companheiros desencarnados, na presença de uma organização medianímica, em trabalho incessante para mais de quatro decênios.

Testemunha pessoal de muitos comunicados e manifestações outras de vida imperecível, através de Chico Xavier, — ocorrências que não nos será lícito esquecer, — oferecemos a você, amigo leitor, este volume despretensioso, como sendo um companheiro de nossas reflexões e indagações, diante da existência.

Que estas páginas lhe possam reanimar as energias, nas horas de incerteza, reavivando-lhe a confiança na Espiritualidade Maior e que lhe desdobrem, à frente do coração, os estandartes da verdade e da luz na jornada para os Objetivos Supremos da Vida, — qual ocorre conosco, — são os nossos votos.

ELIAS BARBOSA

Uberaba, 18 de abril de 1970.